

SESSÃO DO PROFESSOR

VIAGENS A TERRITÓRIOS NÃO TÃO DESCONHECIDOS: a experiência da pesquisa na formação de professores

VALESKA FORTES DE OLIVEIRA ¹

Paisagens diversas, territórios não tão desconhecidos

Nossas experiências diversas com a disciplina de Metodologia da Pesquisa, em diferentes cursos onde temos conhecido professores com trajetórias bastante diversificadas e ricas, nos instigaram a escrever sobre esta significativa vivência – a da curiosidade investigativa – chamada de pesquisa, nos cursos de formação inicial e continuada de professores.

A pesquisa, tão necessária à prática docente, inicia quando assumimos, definitivamente no campo das ciências humanas, que todo conhecimento é, já tendo sido dito por tantas outras vezes, autoconhecimento. Então, conhecemos para entender as trajetórias, as questões que se colocam a nossa volta, nos nossos espaços e tempos de vida profissional, mas, também, e, principalmente, a partir das nossas provocações / implicações pessoais. Convergimos com o pensamento de Cunha (2003:30), quando aponta para o nascimento da dúvida na prática investigativa, dizendo que:

a questão, então, é perguntar-se como nasce a dúvida intelectual, aquela que move o sujeito no sentido de debruça-lo sobre o objeto do conhecimento. Parece ser na trajetória experiencial que isto acontece; pode-se perceber que a dúvida nasce da observação e da leitura da prática do campo de conhecimento que a pessoa vive ou se propõe a estudar. Só

¹Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Professora da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: guiza@terra.com.br

a prática e a realidade são as fontes capazes de gerar a dúvida intelectual que, por sua vez, mobiliza a pesquisa.

Em primeiro lugar, é preciso que se diga: só pesquisa quem tem curiosidade. Quem já tem as respostas quem, segundo Morin (2000), já acomodou a pensá-las de forma simplista e redutora, não se coloca o desafio da investigação. A pesquisa é para pensamentos desacomodados, para pensamentos que desejam adentrar territórios e paisagens, até então desconhecidos, na tentativa de compreender melhor o que está a nos inquietar.

Já nos disse Walter Benjamin (1984), sobre “tudo que era guardado a chave permanecia novo por mais tempo. Mas meu propósito não era conservar o novo e sim renovar o velho”. Este talvez, possa ser um segundo princípio da investigação: não necessitamos estar buscando sempre um problema novo, inédito como alguns insistem. Talvez o significado desta expressão, esteja locado nas respostas e alternativas que a pesquisa possa trazer a um “velho” problema, a uma questão já posta, desde sempre. A investigação é movida pelo desejo da busca de respostas, de alternativas para questões levantadas pela necessidade de produzirmos conhecimentos, mas não qualquer conhecimento. Aqui, podemos trazer a bela expressão de Boaventura de Souza Santos (2002), quando nos coloca o desafio “de um conhecimento prudente para uma vida decente”. A relevância social das nossas pesquisas precisa ser discutida: em que momento pensamos nesta prática – a da investigação – com o propósito de melhorar nossas ações, nossas práticas profissionais, nos melhorarmos como professores e como pessoas.

Tomando então, o princípio de que todo conhecimento é autoconhecimento, não necessitamos “inventar” projetos de pesquisa, distantes de nós e das nossas possibilidades de produção. Talvez, a expressão medieval, “discutir o sexo dos anjos”, fale, muitas vezes, de escolhas indevidas, inapropriadas, onde pensamos estar inventando novamente a roda e, para a qual já há tantas formas de olhar e de estar no mundo.

○ que perguntar? ○ desafio da problematização na pesquisa

Esta talvez, seja uma das maiores incomodações, tomando a expressão no sentido de sentir-se incomodado a pensar, a problematizar. A problematização de um tema de pesquisa, inicia no momento da escolha e, permanece todo o tempo suspensa, onde continuamos, durante a pesquisa, perguntando se é realmente isto que desejamos investigar. Boas perguntas conduzem a trabalhos interessantes, pois problematizar o que já está dado como explicado, como compreendido, como verdade possível, esta sim, se constitui num desafio a quem investe na prática da pesquisa. Perguntar sobre o que já foi respondido, mas de outras formas e, problematizando as certezas, aí reside a perspicácia de um pesquisador,

principalmente no caso das ciências humanas, onde temos as possibilidades múltiplas de interpretações para os fatos e os fenômenos sociais. Saber perguntar também e, principalmente, é um momento importante dessa prática. O levantamento de questões sobre um tema não deve nunca estar “fechado”, nas possíveis respostas prévias (hipóteses) que eu tenha ao problema. Ao contrário, a riqueza na produção dos dados será garantida pela postura que se deixa tomar pelo inusitado, pela incerteza, pelo que não estava previsto.

○ que são informações? Onde estão?

Outra dúvida recorrente dos alunos diz respeito às fontes de informações, que para muitos são compreendidas somente como as obras bibliográficas, até então, não se tem como fonte de pesquisa as questões do cotidiano da escola da sala de aula, da prática docente. Assim, como e de que forma isso pode ser feito? Sabemos que as fontes e formas de investigação podem ser realizadas de várias maneiras, partindo do registro do cotidiano do professor. Do registro das observações de situações/ fenômenos que ocorrem durante o desenvolvimento da sua prática, como também na prática de outras pessoas, temos um “locus” privilegiado de pesquisa para os professores. Trazemos uma importante reflexão, feita por Lacerda (In: ESTEBAN, M. T.; ZACCUR, E., 2002:78), quando diz que:

A emancipação das professoras e o fortalecimento de competências passam, necessariamente, pelo trabalho coletivo onde os erros e desconhecimentos estejam em permanente diálogo com os saberes práticos produzidos na escola. Coletivamente, podemos minimizar o descompasso entre aqueles que produzem as teorias e nós que as vivemos na prática, compreendendo o cotidiano escolar como espaço e tempo propício à pesquisa realizada por professoras das escolas, em permanente diálogo com a ciência.

A perspectiva da professora pesquisadora, trazida pela autora acima citada, é compartilhada por nós e, acreditamos assim como ela, na potencialidade de uma “epistemologia da prática”, capaz de processos de identificação dos professores com a produção dos saberes que realmente utilizam nas suas tarefas cotidianas, dentro e fora da escola. Os saberes docentes se configuram como um campo recente de pesquisa no Brasil, já sendo expressivo o número de estudos realizados no âmbito dos cursos de pós-graduação, nos seus diferentes níveis. Estes estudos tiveram como referência as produções de Tardif² (2002: 255), que propõe uma definição para epistemologia da prática profissional como sendo “(...) o estudo do conjunto dos saberes utilizados realmente pelos profissionais em seu espaço de trabalho cotidiano para desempenhar todas as suas tarefas”.

Esta perspectiva investigativa traz, também a nós professores formadores, em instituições de ensino superior, desafios da ordem de outras aprendizagens e de

² Maurice Tardif, pesquisador canadense na Universidade de Montreal, dirige um centro de pesquisa sobre a profissão docente.

outros ensinamentos. A formação que tem por base a prática investigativa, que traz para o cenário institucional, onde o professor procura alternativas, argumentos, fundamentação às suas práticas, se altera significativamente, quando estes trazem as questões do cotidiano problematizadas para que possam ser refletidas, compreendidas e talvez, transformadas.

Também são percebidos como fontes de informações na prática da pesquisa, os relatos orais, não significando, necessariamente, o estudo desses relatos ou daquelas ações, mas a tentativa de relacionar o dizer e o fazer, tendo sempre como ponte de locução um referencial teórico que lhe ajudará na envergadura. Temos também como fonte de informações, de produção de dados passíveis de problematização para o desenvolvimento de pesquisas os documentos³, estes podem ser de diferentes naturezas, de acordo com o propósito do trabalho.

Ao dar início a um trabalho de pesquisa, é importante que o pesquisador tenha clareza no desenvolvimento deste, no que se refere as fontes. A escolha delas é fundamental para que o trabalho não se perca pelos caminhos que irá tomar. Quanto mais clara e direta a informação, mais fácil será a trilha a percorrer. No entanto, cabe aqui colocar que cada procedimento de coleta de informações tem suas próprias características, ou seja, suas vantagens e desvantagens.

Quando num projeto de pesquisa, o pesquisador sabe o que pesquisar, ou seja, já identificou o problema de pesquisa, as fontes, cabe a ele, neste estágio do trabalho, fazer a transformação das informações em conhecimento. Este momento é identificado como o tratamento dos dados. Cabe colocar que as informações em forma de entrevistas ou suas transcrições, os trechos de documentos lidos, as fitas de vídeos, bem como os protocolos de observação são percebidos, até este momento, como informações obtidas e, aguardam um tratamento, conforme o foco de interesse e de acordo com a literatura escolhida para uma interlocução com os dados que serão então produzidos. Isso significa que o conhecimento não se dá só com a elaboração do problema de pesquisa, nem tão pouco com as informações colhidas, o conhecimento precisa sim, ser produzido.

Num trabalho de pesquisa, a prática nos mostrou, ao longo desses anos, que a coleta de informações se apresenta generalista, isto é, que o pesquisador no desenvolvimento de seu trabalho, muitas vezes, precisa rever decisões tomadas, para não chegar ao final de um trabalho sem poder estar fazendo o fechamento da pesquisa. A necessidade de rever o investigado, não se deve necessariamente por erro de planejamento, mas devido as evidências da realidade. Neste sentido, um bom planejamento e, uma retomada no projeto, evita de adentrar num caminho que, muitas vezes, não era o foco principal da pesquisa, como também o papel da teoria é determinante do que é possível indicar em um esquema de trabalho.

Além desses pontos ressaltados acima, um trabalho investigativo requer muitas vezes conforme o foco de interesse, recuperar a evolução de determinados conceitos. Fazer esta retrospectiva, se faz importante, no sentido de apresentar aspectos muito diferentes daqueles contemplados até então no trabalho, como também, de muitas vezes familiarizar o pesquisador com o que já tem sido produzido na área, além de se constituir como elemento importante e integrante no processo de reformulação do problema.

³ Documentos aqui entendidos a partir da abertura conceitual proposta pela Escola dos Annales, onde o documento inclui as fontes orais, arquivos, entre outros.

Outras partes, quase se fazem parte... As revisões

Outro momento importante num projeto de pesquisa é a determinação do “estado da arte” possível, ou seja, a descrição após um levantamento do que já se sabe sobre o assunto, as produções já feitas e em cima disso procurar desenvolver o trabalho de pesquisa e / ou de produção de conhecimento, no sentido de sanar as principais lacunas. Este estágio da pesquisa, através de um mapeamento temático, ajuda a identificar onde se encontram os principais entraves teóricos e/ou metodológicos, assim como também serve para pesquisadores fora da área propriamente dita, se atualizarem sobre o tema. Ainda seguindo esta trilha, temos a revisão teórica, que tem como objetivo procurar circunscrever um dado problema de pesquisa dentro de um quadro de referência teórico que pretende explicá-lo. Leal (2002:234), aponta que:

Ler e analisar o que produziram outros pesquisadores, que anteriormente pesquisaram realidades e fatos de alguma forma semelhantes a seu objeto de estudo, possibilita ao pesquisador selecionar tudo aquilo eu possa servir em sua pesquisa. Apropriando-se desses conhecimentos e articulando-os aos que já possui – decorrentes de sua experiência pessoal, de sua trajetória de vida -, refina suas perspectivas teóricas, aguça a percepção de seus próprios valores, torna mais articuladas suas intenções, aclara e objetiva seu “aparelho conceitual”.

Isto é, conforme o problema de pesquisa, se faz uso de determinada teoria, para auxiliar na exposição do problema pesquisado. A revisão teórica se faz necessária, levando em conta sempre o fortalecimento do trabalho. Em relação ao uso das teorias, cabe colocar que o problema não é gerado por nenhuma teoria particular, mas pode ser derivado de várias teorias, ou por elas explicado.

Como já citado acima, um dos componentes de um trabalho de pesquisa é a coleta de dados ou as informações que são produzidas para posterior análise e, num segundo momento, a transformação dessas em conhecimento. No desenvolvimento de uma pesquisa é importante que o pesquisador faça uma revisão do campo empírico, no intuito de verificar os procedimentos empregados na coleta dos dados, no estudo de um problema dessa natureza. Poder também verificar que fatores vêm afetando os resultados e de que forma melhor solucioná-los e por fim, de que forma ou quais os procedimentos, vêm sendo empregados para analisar os resultados das questões levantadas.

Quando do desenvolvimento da disciplina de metodologia da pesquisa ou suas formas de apresentação, e ao fazer referência em relação a elaboração de um projeto de natureza investigativa, é comum os alunos manifestarem uma aversão à prática da pesquisa. Os obstáculos são colocados pelas perguntas: o que pesquisar, e onde pesquisar. Cabe aqui colocar que, num primeiro momento, é importante o pesquisador saber localizar e identificar o material potencialmente relevante. Essa busca se dá em arquivos, sumários de publicações, referências citadas em artigos já encontrados, em serviços de levantamento bibliográfico e,

em especial, salientado neste texto, no cotidiano do professor e da escola. Este último “locus” da pesquisa – as práticas docentes – têm sido exploradas por nós, nos diferentes espaços formativos que atuamos, na tentativa de incentivar os professores a se pensarem como produtores de saberes e, pesquisadores de si e, das realidades que produzem e, das que são por elas produzidos.

Considerações Finais

A prática da pesquisa proposta nesta reflexão é uma viagem à territórios, não tão desconhecidos, mas ampliados pelo olhar curioso que re-visita e, busca respostas à questões que vão se apresentando ao investigador e, que este também vai construindo, pois como já nos disse Bachelard (1987),

O método é verdadeiramente uma astúcia de aquisição, um estratagema novo, útil na fronteira do saber. Em outras palavras, um método científico é aquele que procura o perigo. Seguro de seu acervo, ele se aventura numa aquisição. A dúvida está na frente, e não atrás, como na vida cartesiana.

Nosso convite a estas viagens se dirige aos pensamentos desassossegados, mas comprometidos com a busca de alternativas às questões suscitadas pelas trajetórias de vida pessoal e profissional, inseridas num tempo / espaço da docência.

Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papius, 1999.
- AZEVEDO, I. B. de. **O prazer da produção científica** - diretrizes para a elaboração de trabalhos acadêmicos. Piracicaba: UNIMEP, 1992.
- BACHELARD, G. **O Novo Espírito Científico**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- BENJAMIN, W. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CUNHA, M. I. da. Aportes teóricos e reflexões da prática: a emergente re-configuração dos currículos universitários. In: MASSETO, M. **Docência na Universidade**. 5.ed. Campinas: Papius, 2003.
- DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- ECO, U. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- LUCKESI, C. C. (Org.) **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. São Paulo: Cortez, 1987.
- ESTEBAN, M. T.; ZACCUR, E (Orgs.) **Professora-pesquisadora: uma práxis em construção**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- GALLIANO, A. G. **O método Científico – Teoria e Prática**. São Paulo: Mosaico, 1979.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

- LEAL, E. J. M. Um Desafio para o Pesquisador: a formulação do problema de pesquisa. In: **Contrapontos**, ano 2, n. 5, Itajaí, maio/ago, 2002.
- LUDKE, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- LUNA, S. V. de. **Planejamento de Pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 1999.
- MARQUES, M. O. **Escrever é Preciso: O princípio da pesquisa**. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.
- MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Portugal: Instituto Piaget, 2000.
- OLIVEIRA, I. B. de; ALVES, N. (Orgs.) **Pesquisa no/do cotidiano das escolas - sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- OLIVEIRA, V. F. de. **Imagens de Professor: significações do trabalho docente**. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.
- SANTOS, B. de S. **A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência**. Porto: Afrontamento, 2000.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2000.
- TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- VIEGAS, W. **Fundamentos de Metodologia Científica**. Brasília: UnB, 1999.

